



RESENHA

MOURE, Teresa. *Ecolinguística: Entre a ciência e a ética*. A Coruña: Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña, 2011, 130p.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Considero a publicação da resenha deste pequeno livro em ECO-REBEL bastante oportuna. Trata-se de um livro escrito em galego, por uma ecolinguista da Galiza, Teresa Moure. Como se sabe, o galego é uma língua irmã do português. As duas línguas nasceram juntas. Tanto que o início da literatura de ambas fala em "literatura galaico-portuguesa", ou seja, na origem praticamente não se distinguia entre "língua portuguesa" e "língua galega". Além disso, o livro representa mais uma interessante fonte de pesquisa para os estudiosos de ecolinguística não só no Brasil, mas em todo o domínio da língua portuguesa, da galega e, por que não, da espanhola. Aliás, Moure discute em diversas passagens do livro a questão da língua galega comparativamente ao português.

A autora alinha um extensa bibliografia. Entre os autores, são propriamente ecolinguistas os seguintes: Mark Garner, M. A. K. Halliday, Einar Haugen, Luisa Maffi, Salikoko Mufwene e Tove Skutnabb-Kangas. Outros tratam da situação ecolinguística do galego no contexto da Espanha, mesmo não sendo seus autores ecolinguistas propriamente dito, como é o caso de R. Carvalho Calero (*Do galego e da Galiza*), M. P. García Negro (*Direitos lingüísticos e control político*), C. Junyent (*Las lenguas del mundo: Una introducción*), M. Núñez Singala (*En galego, por que non? Contra os prexuízos e as simplificacións sobre a lingua galega*), F. Rodríguez (*O conflito lingüístico na Galiza*), entre outros. No todo, o livro alinha mais de 66 entradas nas referências bibliográficas finais.

O livro está dividido em três seções: A Linguística no Conxunto do Coñecemento (com dois capítulos), As Línguas do Mundo (cinco capítulos), Linguaxe e Cosmovisión (três capítulos) e um capítulo final sob o título de Un Dilema Moral. Os dois capítulos da primeira parte são "Entrando em matéria" e "O paradoxo da unidade e da diversidade".

No primeiro há uma série de considerações sobre a língua vista pelo leigo, pelo linguista e pelos gramáticos normativos. No segundo, a autora entra de cheio em um dos temas centrais da ecolinguística, o da diversidade. A língua não é homogênea como as autoridades e os gramáticos normativos gostariam. Pelo contrário, ela é sempre heterogênea, não só internamente, mas também externamente. Internamente, há a variação dialetal e até a idioletal. Externamente, nota-se que não há fronteiras rígidas entre as línguas.

Os cinco capítulos da segunda parte são “A mala relación entre a ciencia da linguaxe e as línguas”, “O número de línguas do mundo, un dato descoñecido”, “A morte das línguas”, “O esvaradío concepto de lingua” e “Linguodiversidade”. São todos assuntos estudados pela ecologia das línguas. Vejamos, por exemplo, a questão dos número de línguas faladas no mundo. As sete línguas mais faladas do mundo, segundo Moure, são: chinês (1.213.000.000), espanhol (329.000.000), inglês (328.000.000), árabe (221.000.000), híndi (182.000.000), bengali (181.000.000), português (178.000.000). O galego da autora figura no 160º lugar, com 3.200.000 falantes. É claro que esses números precisam ser atualizados, pois, como sabemos, o português, por exemplo, já conta com mais de 200 milhões de falantes. O mesmo vale para as demais. No total, deve haver cerca de 6.900 línguas no mundo.

Moure comenta ainda a distribuição desigual dessas línguas pelo mundo. Na Papua-Nova Guiné, existem 830; na Nigéria, 514; na Índia, 438; nos Camarões, 278. O Brasil teria umas 180 línguas. Na Europa, o país com mais línguas é a Federação Russa (105), seguida da Itália (33) e Alemanha (28). O fato é que a situação mais comum no mundo é a de multilinguismo. Não existe país monolíngue.

Mas, nesta parte do livro a autora discute ainda questões polêmicas, como a do que é língua minoritária. De acordo com ela, ‘un criterio xurídico establecería como minoría lingüística a poboación que fala unha variedade distinta daquela considerada oficial no territorio que habita’ (67). No entanto, acrescenta, línguas como afrikaans na África do Sul, Búlgaro na Grécia e sórbio na Alemanha não são tão minoritárias assim. Um tema central para a linguística ecossistêmica é discutido na parte “Linguaxe e cosmovisión” do livro. Trata-se da concepção de língua como instrumento, o que ela nega veementemente. Em suas palavras, “Con moita frecuencia, os libros de texto, os manuais e enciclopedias que estudamos teiman en definiren a linguaxe humana como un instrumento de comunicación”. Para ela, “esta definición no só resulta simplificador, senón que salienta

a súa dimensión máis inocua”. Isso porque “se as linguas fosen o principal medio de comunicación das persoas, non se explicaría por que somos máis torpes por teléfono que cara a cara”. Fazemos uso talvez mais de “as artes, os xestos, o afecto ou o sexo” do que da linguagem falada, tanto que o vulgo diz que “unha imaxe vale máis que mil palabras”. Dizer que a função principal da língua é a comunicação leva a supervalorizar as línguas faladas por mais pessoas, como o inglês, pois, com elas, podemos comunicar com mais gente. A linguagem humana não é o principal sistema de comunicação humana, o que cheira a antropocentrismo. Enfim, a língua não é um instrumento como uma faca, por exemplo.

Outra função da língua seria a de ser “un sistema de representación do mundo”, acatada pelas correntes formalistas, que a desconectam do mundo. No entanto, é essa faceta dela que nos permite planejar o que vamos dizer, lembrando o ecossistema mental da língua. A terceira concepção de linguagem a vê como “mecanismo de poder”. Se a primeira concepção vê na língua um fenômeno social, a segunda a encara como algo psicológico e biológico. A terceira junta as duas primeiras, indo até além delas. Como se vê, para Moure a língua é uma realidade biopsicossocial, embora ela não use o termo.

Em seguida discutem-se questões de relatividade linguística, se a língua é reflexo da realidade ou se é a língua que cria a realidade. Discute também as relações de poder entre as línguas. Segundo a autora, “o galego, ninguén o negará, está mellor asentado en usos coloquiais e irrelevantes, que en rexistros cultos”. No entanto, acrescenta, “loitarmos pola língua con que a nosa tribo ollou desde antigo as cousas todas é tanto como nos asegurarmos a dignidade, reconstruirmos a identidade colectiva, en nome de quen veña detrás. Loitarmos pola lingua é loitarmos pola liberdade”.

Finalmente, Moure discute a questão ética de uma antropóloga que chega a uma tribo que vai sacrificar algumas jovens para aplacar a ira da montanha cujo vulcão poderá arrasar a vila. A autora associa isso à situação do galego, minoritário frente à língua estatal da Espanha. Ela, aparentemente, não toma partido sobre o que deve fazer a antropóloga: tentar libertar as jovens da morte ou acatar os costumes locais. Se Teresa Moure tivesse tido conhecimento da análise do discurso cológica (que ainda não existia quando escreveu o livro), talvez sua antropóloga tivesse ficado do lado da vida, resgatando as jovens. Afinal, tradições mudam ao longo do tempo, mas a morte é irreversível. Por fim, este pequeno livro é uma boa obra a ser usada em cursos de ecolinguística, dadas as várias questões que a autora aborda, embora sem aprofundar nenhuma delas. De qualquer forma,

ECO-REBEL

um dos seus méritos é apresentar diversos lados das questões estudadas. Isso está em consonância com a ideia ecológica da diversidade (e suas consequências) e a da multidisciplinaridade e multimetodologia da ecolinguística. Por sua linguagem clara e acessível, o livro pode ser entendido até pelo leigo em linguística, e em ecolinguística.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.